

ENTRE A EDUCAÇÃO E A COMUNICAÇÃO: O DISCURSO ESCOLAR A RESPEITO DO USO DA TV COMO RECURSO PEDAGÓGICO

BETWEEN EDUCATION AND COMMUNICATION: THE SCHOOL DISCOURSE WITH RESPECT TO THE USE OF TV AS A PEDAGOGICAL RESOURCE

Marcus Henrique Linhares Ponte Filho¹
Universidade Federal do Cariri – UFCA

Maria de Fátima Vasconcelos da Costa²
Universidade Federal do Ceará – UFC

RESUMO

O presente artigo originou-se do projeto de tese do autor, que tem como finalidade maior discutir sobre a relação entre a televisão (como signo comunicativo que representa) e a escola (como principal representante do campo educacional), através do discurso manifestado no próprio ambiente escolar pelos profissionais da área educacional (professores e demais membros da gestão escolar). Apesar de ser considerado um grande ícone da comunicação, a televisão parece manter uma relação instável com a área da Educação, a partir do momento em que enfrenta séria resistência em ser aceita por parte de professores e dos demais profissionais dessa área, no que tange à sua inserção no meio escolar propriamente dito. Devido a isso, este artigo procura refletir sobre quais convicções profissionais e filosóficas são manifestadas no próprio ambiente formal escolar pelos profissionais que estão diretamente envolvidos na Educação a respeito do uso (ou não) da TV como ferramenta pedagógica. Para que tal objetivo possa ser atingido, o artigo propõe-se a dialogar com a teoria do discurso trabalhada por Mikhail Bakhtin, como forma de se compreender o que está em jogo no aparente choque de interesses (ou de discursos) entre a televisão e a educação escolar.

Palavras-chave: Televisão. Escola. Discurso. Professores.

1 INTRODUÇÃO

Que a televisão goza de grande popularidade entre crianças e jovens em idade escolar já não é mais um ‘mistério’. Os desenhos animados e seriados televisivos infanto-juvenis são um importante foco de interação nas práticas socioculturais desse público (mesmo dentro do ambiente escolar). Segundo Brougère (2004, p. 53), a televisão é uma fonte crucial de conteúdos para brincadeiras infantis, pois “[...] elas

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (2004); Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação, da Faculdade de Educação (FACED), da Universidade Federal do Ceará (2010); Doutorando em Educação na mesma Instituição; Professor assistente 2 do Instituto de Formação de Educadores – IFE, da Universidade Federal do Cariri.
E-mail: marcus.henrique@cariri.ufc.br

² Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (1978); Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (1990) e doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará / Paris XIII (2001); Professora associada II do Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da UFC. E-mail: fatimavc@ufc.br

(crianças) se transformam, através das brincadeiras, em personagens vistos na televisão [...]”. Porém, o discurso da escola a respeito da presença da TV em seus domínios ainda permanece uma incógnita, por mais que, atualmente, esse discurso pareça sugerir uma “abertura” da instituição escolar aos potenciais comunicativos da televisão, e em como esses potenciais poderiam ser utilizados a serviço da educação. Áreas como a Educomunicação, por exemplo, discutem, de forma intensa, na atualidade, sobre qual o impacto social da mídia e como as novas tecnologias (nas quais a TV se inclui) podem atuar não apenas em nível comunicacional e lúdico, mas também educativo.

Ressalte-se, todavia, que, se realmente existe mais abertura da escola ao diálogo com a televisão, em que condições ela se manifesta? O que pensam realmente os profissionais da Educação a respeito da utilização da TV como recurso didático/pedagógico? Qual o discurso da escola a respeito de si mesma, de seu papel social e da educação como um todo?

Responder a todas essas perguntas é uma tarefa que requer cautela e, sobretudo, sensibilidade. A análise do discurso é um trabalho teórico em que se usam muitas ferramentas, além das meras expressões verbalizadas a que estamos acostumados quando nos referimos ao termo ‘discurso’. Para saber que tipo de relação é mantida entre a escola e a televisão, precisamos entender, primeiramente, o que a própria instituição escolar pensa a respeito da TV como um todo (sua atuação, seu papel social, sua possibilidade de utilização em nível pedagógico etc.). Todas essas informações são muito caras a este projeto de tese, porquanto caracterizam o principal foco de análise da pesquisa como um todo.

Além dessas informações, precisamos compreender o conceito do próprio termo “discurso” (aos moldes da teoria bakhtiniana), porque é nesse paradigma teórico que se sustenta todo o debate proposto neste artigo, derivado do projeto de tese do autor. Para que os principais conceitos dessa teoria possam ser compreendidos, pretendemos recorrer não só às obras de Mikhail Bakhtin, mas também de diversos autores que também atuaram ativamente na teoria da filosofia linguística, como Manguenau (2006) e Faraco (2009). Só depois de compreender os conceitos envolvidos na teoria do discurso é que poderemos tentar compreender como se manifesta a relação entre a escola e a TV e como se organiza o próprio discurso escolar a respeito da televisão como um todo através de seus representantes oficiais (professores e coordenadores pedagógicos).

2 AFINAL DE CONTAS, O QUE É ‘DISCURSO’?”

Definir o significado do termo ‘discurso’ é algo complexo, muitas vezes, dúbio, que requer muito mais trabalho do que a suposta ‘facilidade semântica’ que esse termo pressupõe. Quando nos referimos a algum discurso, geralmente damos ênfase a algo verbalizado, escrito ou que se manifeste de forma socialmente ‘visível’. Porém, esses critérios comumente atribuídos ao discurso nem sempre são “respeitados”, uma vez que limitariam demais o próprio conceito do termo e suas manifestações socioculturais. O discurso é um conjunto de significações atribuídas a algo, diretamente influenciadas por certo idioma e contexto histórico específicos, que caracterizam o próprio modo como o ser humano se expressa social e culturalmente.

Entender como se estrutura um discurso é entender, primeiramente, o próprio idioma em que ele está estruturado, pois, acima de tudo, o discurso é uma organização independente, que não está sujeita apenas às manifestações orais ou escritas (apesar de se estruturar sob o código linguístico do idioma ao qual pertence). Segundo Manguenau (2006), tendemos a considerar como ‘discurso’ algum ‘enunciado solene’, mas isso nem sempre se aplica na prática, já que o discurso tem uma abrangência maior, porquanto

é uma organização situada para além da frase. Isto não quer dizer que todo discurso se manifeste por sequências de palavras de dimensões obrigatoriamente superiores à frase, mas sim que ele mobiliza estruturas de outra ordem que as da frase. (MANGUENAU, 2006, p. 95).

Percebemos, nas palavras do autor, que analisar um discurso é muito mais do que analisar algo escrito e que, mesmo quando nessa análise se usam conteúdos escritos (como um texto, por exemplo), não é a quantidade de verbetes ou de frases que irá caracterizar ou descaracterizar o discurso, mas o contexto em que ele foi produzido e sua carga ideológica. Um discurso pode se manifestar de várias formas que não somente através da expressão verbalizada ou escrita. Assim, todo discurso é ideológico por natureza, pois carrega em si objetivos que estão, até certo ponto, ‘ocultos’ aos olhos de quem o analisa.

Em grande parte dos casos, analisar um discurso é uma tarefa bastante abstrata, porque, como já dissemos, todo discurso é, essencialmente, ideológico e tem um objetivo delimitado que, nem sempre, é ‘nítido’ para quem se propõe analisá-lo

(portanto, não pode ser analisado apenas em seu aspecto ‘superficial’³). Isso exige de qualquer um que se proponha a trabalhar com a teoria do discurso um grau maior de abstração, que possibilite enxergar algo mais do que os significados externos atribuídos ao próprio discurso. Neste artigo, tentamos entender qual o discurso da escola a respeito da possibilidade de utilizar a TV como um recurso didático/pedagógico. Porém, compreender o discurso escolar sobre o instrumento ‘televisão’ é muito mais do que simplesmente colher depoimentos de profissionais da Educação ou registrar aulas no ambiente escolar. Significa entender como a escola entende a si mesma, seus objetivos e o que pensa de seu próprio papel social. Só assim, poderemos compreender como organizar o discurso escolar a respeito de algum outro objeto (no caso deste estudo, a TV).

Segundo Bakhtin (1977), analisar o discurso de outras pessoas é tarefa árdua, que exige uma ‘análise da análise’. Para o autor, analisar o discurso de outrem é ter de usar o chamado ‘discurso citado’, ou ‘discurso indireto’. Não se pode simplesmente analisar as palavras de outra pessoa e ignorar as condições em que elas foram produzidas, pois, para Bakhtin, são as condições de produção dessas palavras que caracterizam o próprio discurso que se está analisando, e não, as palavras em si. Assim, para o autor russo,

aquilo que nós falamos é apenas o conteúdo do discurso, o tema de nossas palavras. O discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso; ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer, ‘em pessoa’, como uma unidade integral de construção. (BAKHTIN, 1977, p. 144, grifo do autor)

É injusto, se considerarmos o raciocínio de Bakhtin, analisar a fala de alguém de forma isolada, apenas com base nas palavras externalizadas. O discurso de alguém é, acima de tudo, ‘a própria pessoa em si mesma’, é a caracterização da pessoa por ela mesma, por suas convicções, ideologias e vivências. É através do discurso que o ser humano age (ou deixa de agir) sobre o meio social em que está inserido e, ao mesmo tempo, reflete as ações que sofreu nesse mesmo meio. Assim, o discurso pressupõe um choque de interesses, uma disputa de forças em torno de objetivos ocultos que estão delineados no próprio discurso. Para Manguenau (2006), o discurso é uma arma poderosa, pois

³ Entenda-se por ‘superficial’, nesse caso, o significado literal dos termos isolados do discurso (que não ajudam a interpretá-lo), e não, o significado de suas formas de produção, que guarda a ideologia e os objetivos ‘ocultos’ do próprio discurso que caracterizam sua produção.

falar é uma forma de ação sobre o outro e não apenas uma representação do mundo. A problemática dos “atos de linguagem” ou “atos de fala”, ou ainda “atos de discurso” mostrou que toda enunciação constitui um ato (prometer, sugerir, afirmar, interrogar, etc.) que visa modificar uma situação. Em um nível superior esses atos elementares se integram em discursos de um gênero determinado (um panfleto, uma consulta médica, um telejornal, etc.) que visam produzir uma modificação nos destinatários. De maneira mais ampla ainda, a própria atividade verbal **encontra-se relacionada com atividades não-verbais**. (MANGUENAU, 2006, p. 96, grifo nosso)

As relações estabelecidas através de um discurso nem sempre são ‘amistosas’, do ponto de vista discursivo, já que o próprio conceito bakhtiniano de diálogo pressupõe um enfrentamento de interesses. Para Faraco (2009), autor que também trabalha ativamente o conceito discursivo de Bakhtin, o diálogo pressupõe uma variedade de vozes que já dão o tom do ‘choque’ que é travado entre os participantes. Para o autor, em um diálogo, nenhuma voz é ‘inérita’, pois os discursos se interpõem e se influenciam mutuamente, o que faz com que todas as vozes de um diálogo sejam diretamente influenciadas por outros discursos. Assim, na teoria bakhtiniana sobre o discurso, importam menos as vozes em si e mais a interação dessas vozes, já que

importa menos a heteroglossia como tal e mais a dialogização das vozes sociais, isto é, o encontro sociocultural dessas e a dinâmica que aí se estabelece: elas vão se apoiar mutuamente, se interiluminar, se contrapor parcial ou totalmente, se diluir em outras, se parodiar, se arremedar, polemizar velada ou explicitamente e assim por diante. (FARACO, 2009, p. 59)

Podemos compreender a teoria bakhtiniana sobre o discurso como algo, de certa forma, ‘utópico’, visto que a idealização feita pelo autor russo a respeito da multiplicidade de vozes contida em seu conceito de ‘polifonia’ (uma espécie de ‘equilíbrio de vozes’ na participação dos discursos) é algo complexo, especialmente numa pós-modernidade, quando o ser humano ouve cada vez menos o próximo e valoriza cada vez mais a capacidade de ‘sintetizar ideias’ (onde quem fala “menos” e ocupa menos tempo alheio com seu próprio discurso é mais “competente”, linguisticamente falando). Se todo discurso pressupõe um choque de ideias e de vozes, é natural que algumas dessas vozes se sobressaiam sobre as demais. Para Faraco (2009), todo enunciado já espera uma resposta e nada passa despercebido em um discurso. Dessa forma, a própria ‘invisibilidade’ de uma voz, por si só, já caracterizaria um discurso. Isso se justifica porque

todo enunciado espera uma réplica, e - mais - não pode esquivar-se à influência profunda da resposta antecipada. Nesse sentido, possíveis réplicas de outrem, no contexto da consciência socioaxiológica, têm papel constitutivo, condicionante, do dizer do enunciado. (FARACO, 2009, p. 59)

Se todo enunciado já pressupõe uma resposta, e todo discurso é influenciado (e também influencia) ideologicamente, é previsível que os choques de interesse entre as vozes presentes num discurso sejam constantes. No caso do objeto de estudo deste artigo, podemos verificar esse choque de interesses diretamente presentes nos comportamentos demonstrados por certos profissionais da área de Educação em relação à televisão e aos seus programas comumente citados por crianças e jovens no ambiente escolar, conforme veremos a seguir.

3 A TV NO CONTEXTO ESCOLAR: PODE OU NÃO PODE?

Durante a pesquisa para obtenção do título de Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), investiguei diretamente o que crianças e adolescentes pensavam (discurso infanto-juvenil) a respeito dos programas televisivos que lhes são destinados. Percebi certo padrão de receio por parte de alguns professores das escolas visitadas, que indicaram haver um clima de desconforto e desaprovação desses profissionais em relação aos programas diretamente citados pelas crianças participantes do estudo. Naquela ocasião, como o objetivo não era de investigar o discurso dos professores e das próprias escolas visitadas a respeito da TV (mas somente o discurso das crianças sobre seus programas favoritos), decidi “recusar” momentaneamente as declarações até certo ponto curiosas de algumas professoras, o que me fez elaborar, tempos depois, um projeto de tese para dar prosseguimento ao estudo do mesmo objeto (Mídias e Educação), abordado ao longo de meus estudos no Mestrado.

De forma geral, podemos perceber que a escola parece não enxergar com bons olhos a presença da televisão em suas dependências. Há certa desconfiança por parte dos profissionais da Educação e das próprias instituições escolares, no que tange aos efeitos da TV sobre as crianças (público que a própria escola atende). De acordo com Guimarães (2001), a desconfiança da escola a respeito do uso da TV, principalmente, de seus programas destinados a crianças e jovens, se justifica devido à má qualidade, já que

essa desconfiança se manifesta por meio de um tipo de crítica que considera que a produção televisiva é vazia, sem conteúdo, repleta de mecanismos ideológicos para, em última instância, reproduzir a lógica capitalista. Dessa forma, críticos conhecidos concluem que a televisão, educativa ou não, não tem nenhuma contribuição a dar à educação. (GUIMARÃES, 2001, p. 108)

É sobre esse tipo de perspectiva mais ‘apocalíptica’ que repousa a desconfiança escolar a respeito da televisão. Todavia, isso não significa dizer que a TV seja de todo rejeitada do ambiente escolar. Na verdade, ela está presente nas escolas, mas parece ocupar espaços determinados, com horários específicos e sempre reduzidos, como se precisasse ser ‘domada’ pelos conceitos defendidos por professores, pais e pela própria instituição escolar como um todo.

Esse é um raciocínio deveras preocupante para a educação do Século XXI, cercada pelas mídias digitais e pelas tecnologias da informação e da comunicação (TIC). Encarar a televisão como uma ‘rival perigosa’ é, na verdade, declarar uma ‘guerra perdida’ não só contra a TV, mas também contra a tecnologia que já se apresenta aos alunos como algo comum e ‘natural’. Segundo Camargo (2001), controlar as mídias é um assunto que requer cautela e muita paciência, porque a questão envolve uma grande polêmica a respeito do direito ao acesso à comunicação e à democratização das tecnologias da informação e da comunicação (TIC). Para o autor,

o controle (da mídia) fica ainda mais difícil quando percebemos que não se trata apenas de limitar o seu alcance e sua influência. As mídias não devem ser vistas como o demônio da sociedade atual. Qualquer iniciativa que se baseie apenas nesse enfoque pode ser considerada desinformada ou mesmo reacionária. Na verdade, há um **enorme resultado positivo de sua ação a desvelar**. É preciso trabalhar dentro da ambiguidade – valorizar seus resultados positivos e minimizar seus impactos negativos. (CAMARGO, 2001. p. 103, grifo nosso)

Ressalte-se, porém, que as preocupações morais ou filosóficas a respeito do conteúdo dos programas de TV destinados a crianças e jovens não parece ser o único motivo do distanciamento entre a televisão e o ambiente escolar. Segundo Ponte Filho (2010), apesar de se oporem (algumas vezes ferozmente) aos programas de TV ofertados ao público infanto-juvenil (desenhos animados, seriados etc.), os profissionais da área de Educação desconhecem, quase que completamente, o conteúdo desses programas, o que, por si só, é um paradoxo, já que tais programas (especialmente os desenhos animados de origem estrangeira) gozam de grande popularidade entre o público a que os próprios profissionais de Educação atendem. Em pesquisa realizada

com crianças em idade escolar no ensino fundamental I, o autor constatou que meninos e meninas usam a televisão (especificamente os desenhos animados) como suporte para brincadeiras posteriores dentro do próprio ambiente escolar. Além disso, as crianças têm anseios diferenciados, e meninos e meninas parecem encontrar no discurso dos desenhos animados as respostas para muitos desses anseios:

Elas (meninas) valorizam a estética das personagens de seus desenhos preferidos, além de dar extrema importância à beleza física desses personagens, mais até que a própria força física das heroínas. Os meninos, por sua vez, valorizam a capacidade de destruição dos personagens que mais admiram. Admiram, acima de tudo, as lutas presentes nos desenhos animados, lutas essas travadas quase sempre entre o 'Bem' e o 'Mal'. (PONTE FILHO, 2010, p. 154, grifo do autor)

Por outro lado, os professores, apesar de não demonstrarem conhecimento sobre os programas televisivos acompanhados por seus alunos, demonstram certos receios e até mesmo preferências por alguns programas quando a TV é usada em sala de aula. É o caso, por exemplo, dos desenhos animados *Disney*, identificados por Ponte Filho (2010) como uma das preferências do corpo docente observado em seu estudo:

Diversas foram as oportunidades em que pude presenciar exibições de desenhos animados *Disney* em momentos pré-estabelecidos nas várias escolas em que atuei profissionalmente. Esse tipo de conduta adotada pelas intuições de ensino me fez refletir acerca do que as escolas encaram como 'educativo', uma vez que sempre me pareceu que os desenhos *Disney*, nos moldes em que foram utilizados e que pude presenciar, pareciam estar em um patamar privilegiado em relação aos desenhos cotidianos da grade televisiva. (PONTE FILHO, 2010, p. 21, grifo do autor)

Mas, o que fazer para reaproximar esses dois universos (TV e escola), tão presentes no cotidiano de crianças e jovens? Como analisar discursos aparentemente tão 'isolados' e 'distantes'? Como entender o discurso dos professores acerca de algo que eles, além de não dominar de forma satisfatória (programação televisiva infantil), demonstram aparente desinteresse em aprofundar conhecimentos? Esse é o desafio que certos campos de pesquisa (como a Educomunicação) já tentam superar, unindo não só estudos teóricos, mas, sobretudo, práticos, numa perspectiva mais dialogizada (através do uso das mídias).

Segundo Soares (2012), o termo 'Educomunicação' é recente e um neologismo que procura unir dois universos distintos (a Comunicação e a Educação), mas que não precisam, necessariamente, opor-se ou se excluir mutuamente. Assim,

o neologismo *Educomunicação*, que em princípio parece mera junção de Educação e Comunicação, na realidade, não apenas une as áreas, mas destaca de modo significativo um terceiro termo, a **ação**. É sobre ele que continua a recair a tônica quando a palavra é pronunciada, dando-lhe assim, ao que parece, um significado particularmente importante. *Educação* e/ou *Comunicação* – assim como a *Educomunicação* – são formas de conhecimento, áreas do saber ou campo de construções que têm na **ação** o seu elemento inaugural. (SOARES, 2012, p. 3, grifo do autor)

O objetivo da Educomunicação não é somente de unir duas áreas distintas do conhecimento, mas também apresentar aos profissionais da Educação e da Comunicação uma forma alternativa de enxergar as novas mídias (especialmente a TV), não como uma ‘rival da escola’ ou uma ‘ameaça pedagógica’, mas como uma ferramenta que pode ser utilizada em prol de algo previamente estabelecido pelo profissional que a usá-la. Assim, a Educomunicação defende a ideia (muito salutar, diga-se de passagem) de que, em se tratando de programação televisiva, “tudo pode ser trabalhado em sala de aula” (guardadas as devidas ressalvas), já que os programas em si não são o foco maior das atividades pedagógicas, mas a **forma pela qual os programas serão abordados por professores e comunicadores**. Como o próprio autor explicita em seu conceito sobre o termo “Educomunicação”, o foco maior não é nem a Educação nem a Comunicação, mas a **ação desempenhada** pelos profissionais que usam essa técnica didático-pedagógica.

A Educomunicação é apenas um exemplo prático de que os discursos se ‘misturam’ e se influenciam mutuamente, e apesar de se “chocarem”, ideológica e filosoficamente, esse choque não precisa acarretar uma exclusão mútua das vozes conflitantes. Se empregarmos a teoria bakhtiniana sobre o discurso, chegaremos à conclusão de que, mesmo se chocando e disputando interesses num mesmo discurso, é praticamente impossível que duas vozes se anulem por completo em um diálogo, uma vez que, conforme demonstra Faraco (2009), nenhuma voz é detentora de uma “verdade exclusiva”, e todas as vozes discursivas já são ecos de discursos dos quais foram originadas.

Enquanto a real essência desse choque existente entre o discurso escolar e o discurso midiático (propagado na TV) não puder ser decifrada, a análise discursiva de ambos (tanto da TV quanto da educação formal escolar) será sempre incompleta e tenderá a conduzir os dois lados a uma ruptura definitiva e quase irremediável. Escola e

televisão representam discursos que não precisam estar necessariamente em oposição ou em conflito, e a Educomunicação pressupõe justamente a interface desses dois campos de saber. Para Soares (2011), educar é sinônimo de ‘comunicar’ e

toda comunicação – enquanto produção simbólica e intercâmbio/transmissão de sentidos – é, em si, uma ‘ação educativa’. No caso, diferentes modelos de comunicação, determinariam resultados educativos distintos. (SOARES, 2011, p. 17, grifo do autor)

O discurso escolar parte do pressuposto de que a TV e sua programação infanto-juvenil, por si sós, são perigosas, e pouco têm a contribuir para a educação, com exceção dos programas educativos vinculados aos canais estatais de TV, ou mesmo nos canais infantis da TV por assinatura. Porém, esse argumento não se sustenta, se analisado sob uma ótica educacional. Ainda de acordo com Soares (2011), o intercâmbio entre educação e comunicação não é simplesmente uma “possibilidade”, mas sim, uma “necessidade”, visto que ambos já se relacionam através das exigências cotidianas.

Diante de uma mídia que se sente livre para produzir e divulgar o que convém ao tipo de relação que mantém com o mercado, a educação **se previne e cria programas de análise crítica** das mensagens em circulação; por sua vez, a comunicação, desobrigada do ensino formal, não se furta em conduzir a formação de hábitos e valores de seus públicos, através do entretenimento e de uma publicidade especificamente dirigida ao público infanto-juvenil. Em outras palavras, os campos da educação e da comunicação, simultaneamente, e **cada um a seu modo, educam e comunicam**. (SOARES, 2011, p. 17, grifo nosso)

Esses dois discursos, por si sós, podem se influenciar e compactuar de certos pontos de vista que não precisam estar totalmente alinhados nem totalmente separados. Educação e comunicação são campos de saber mais próximos do que a escola imagina, ainda que ela (escola) tenha valores que considere superiores aos valores propagados nas novas tecnologias. O fato de a escola optar por seguir uma carga cultural distante dos valores culturais expostos pelas tecnologias da informação e da comunicação (TIC) não é uma simples coincidência, e conforme nos relata Bourdieu (1982), em sua célebre análise sobre o ‘arbitrário cultural’, a escola tende a delimitar os valores que ela considera apropriados em seu ambiente e os naturaliza de forma que “[...] ele é desconhecido em sua forma arbitrário cultural e de arbitrário cultural dominante [...]” (BOURDIEU, 1982, p. 36).

O realinhamento discursivo entre comunicação e educação, nos moldes em que ambos os discursos se manifestam na atualidade, pode parecer algo utópico, mas, na verdade, a reaproximação que tem ocorrido através do estudo e das pesquisas promovidas pela área da Educomunicação comprova que esse realinhamento também é uma questão de atitude pedagógica. A reaproximação entre esses dois discursos não pode ser feita com base na relação que ambos têm mantido (à base de desconfiança e de exclusão mútua). A chave para uma reaproximação democrática (e não apenas aparente e conveniente, do ponto de vista pedagógico) entre a TV e a escola talvez resida num terceiro discurso que procure analisar por conta própria esses dois discursos antagônicos: o discurso educomunicativo. Este último pode ser o ‘unificador dos opostos’, trazendo compreensão e cooperação entre a escola (como instituição não só educativa) e a TV (como símbolo não só comunicativo).

ABSTRACT

The present article is based on the author's thesis project and its initial objective is to discuss the relationship between television (as a communicative sign which represents) and the school (principle representative of the educational field), by means of discourse expressed in the school environment by professionals from the field of education (teachers and other members of the school management). Despite being considered a great icon of communication, the television appears to maintain an unstable relation with the area of education, where it faces serious resistance in being accepted by teachers and other professionals with respect to its insertion in the school context. Due to that, this article seeks to reflect upon on what professional and philosophical convictions are revealed in the formal school ambience by professionals who are directly involved in education with regard to the use (or not) of the TV as a pedagogical tool. In order to achieve this objective, the article proposes to dialogue with the theory of discourse presented by Mikhail Bakhtin, as a way of understanding what is in play in the apparent shock of interests (or of discourses) between television and school education.

Keywords: Television; School; Discourse; Teachers.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. **Educação para o lazer**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

GUIMARÃES, Gláucia. **TV e escola**: discursos em confronto? São Paulo: Cortez, 2001.

MANGUENAU, Dominique. **Discurso, enunciado, texto**. São Paulo: [s.n.], 2006.

PONTE FILHO, Marcos Henrique Linhares. **A imagem como brinquedo**: a relação entre crianças e desenhos animados à luz da divisão de gênero. 2010. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

SOARES, Donizete. Educomunicação: o que é isto? **Instituto Gens de Educação e Cultura**, São Paulo, maio. 2006. Disponível em: <www.portalgens.com.br>. Acesso em: jul. 2015.